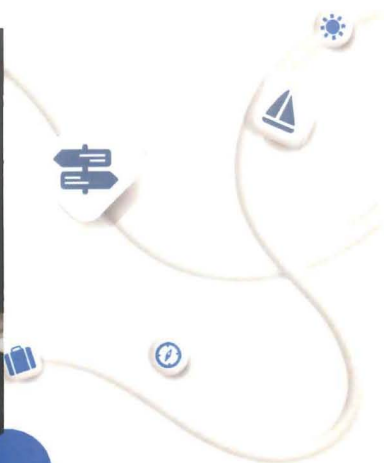
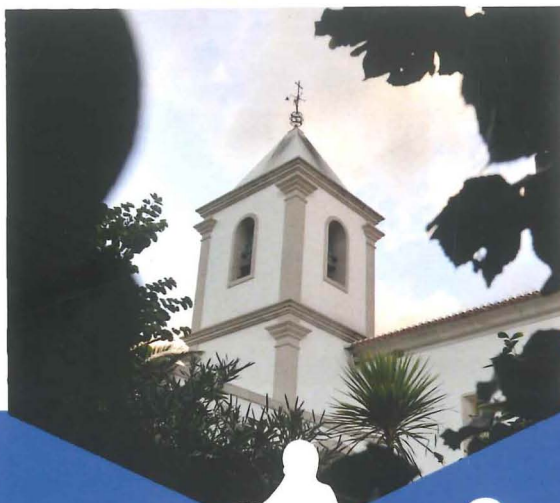


# MIGRAÇÕES: INQUIETAÇÕES E DESAFIOS



# MIGRAÇÕES: INQUIETAÇÕES E DESAFIOS

XXVII JORNADAS CULTURAIS DE BALSAMÃO

ORGANIZADORES

Basileu dos Anjos Pires, MIC  
Carlos d'Abreu  
Fernando Andrade Lemos  
João Bartolomeu Rodrigues  
José Maria Silva Rosa  
Levi Leonido Fernandes da Silva  
Luís Vale  
Rui Leal Leonardo



Balsamão – Chacim

2025

# Ferreira de Castro, Manuel da Bouça e Manuel António Júnior: “O universal drama”

José Maria Silva Rosa<sup>39</sup>

*Dedico este texto ao meu Avô paterno, Manuel  
António Júnior, que nunca me conheceu, que eu nunca  
conheci — e mesmo assim ‘se fiou em mim’.*

Quase cem anos depois de terem sido escritos, podemos ler hoje, com renovada actualidade, os romances de Ferreira de Castro sobre a temática das migrações. São vários os livros que ele inscreve nesse tópico: *Emigrantes* (1928)<sup>40</sup>, *Selva* (1930)<sup>41</sup>, *Terra Fria* (1934)<sup>42</sup>, muito especialmente o primeiro<sup>43</sup>. Nestas e noutras narrativas e em

---

39 PRAXIS - Centro de Filosofia, Política e Cultura. Universidade da Beira Interior (Covilhã)

40 Ferreira de Castro, *Emigrantes*, Lisboa, Guimarães Editores, 2001.

41 Ferreira de Castro, *A Selva*, Lisboa, Guimarães Editores, 1952.

42 Ferreira de Castro, *Terra Fria*, Lisboa, Guimarães Editores, 1990.

43 E ainda *O Instinto Supremo*, Lisboa, Guimarães Editores, 1968, último romance de Ferreira de Castro, uma espécie de ‘testamento ético e espiritual’, de que não tratamos aqui porque tem outro prisma: trata-se da fuga para Amazónia de Samuel, um cientista europeu já idoso, solitário e desiludido com a Europa, escapando de uma civilização decadente a fim de viver em comunhão com a Natureza e com os indígenas.

alguns ensaios (v.g., *Epopeia do Trabalho*, 1926<sup>44</sup>; *Pequena História de “Emigrantes”*, 1966<sup>45</sup>) procura sintonizar a literatura que produz com o intenso e mais amplo movimento migratório europeu de finais do século XIX e princípios do século XX.

Como ele próprio descreve no pórtico a *Emigrantes*: “Os homens transitam do Norte para o Sul, de Leste para Oeste, de país para país em busca de pão e de uma vida melhor.”<sup>46</sup> Nesta mesma obra, na descrição dos passageiros do barco ‘Darro’ de Lisboa para o Brasil, desenha de forma mais tipificada, mesmo assim realista, os rostos e as vidas destes homens, mulheres e crianças que rumam do Norte para o Sul: russos, polacos, romenos, sírios, italianos, galegos, portugueses, ..., cada qual com os dramas particulares que os fizeram partir da sua terra, mas todos irmanados na mesma busca de vida digna. “Nascem por uma fatalidade biológica e quando, aberta a consciência, olham para a vida, verificam que só a alguns deles parece ser permitido o direito de viver.”<sup>47</sup>

Podemos dizer que este pórtico, no recuo tético e meta-discursivo que intenta, nos abre a consciência ética do próprio autor e nos reconduz às razões filosóficas mais profundas que movem a sua escrita. Com efeito, na contraposição feita entre igualdade de nascimento como acaso metafísico ou “fatalidade biológica”, e uma situação histórico-social alienada — pobreza, miséria, exploração do homem pelo homem, alienação do trabalho, desejo de libertação, ... — estão presentes alguns dos temas maiores da Filosofia e da Literatura de novecentos e princípios do séc. XX, desde Hegel a Freud, passando por autores como Feuerbach, Marx, Engels, Schopenhauer, Nietzsche, Baudelaire, Dickens, Flaubert, Hugo, Eça, Gorki, Joyce, Brecht... Se aí a Vida nos aparece como impulso cego, centrífugo, que se multiplica por uma pletórica abundância de entes que logo devora, descarta e deixa para trás (tanto na dialética histórica do Espírito, em Hegel, como nos três

44 Ferreira de Castro, *Epopeia do Trabalho*, Lisboa, Livraria Renascença, 1926.

45 Ferreira de Castro, «Pequena história de “Emigrantes”» in: *Emigrantes*, Porto, Portugalíia Editora, 1996. Edição comemorativa para os 50 anos de vida literária (1966), in: *Castriana. Estudos Sobre Ferreira de Castro e a sua Geração*, n.º 3, Ossela, 2007.

46 *Emigrantes*, p. 11.

47 *Ibidem*.

estádios do positivismo, em Comte; tanto na jorna rural como na fábrica de Chaplin), já a Consciência surge como tentativa de unificação, de ordenação, como forma de superar (pela *paideia*, pela cultura, pela escola) a cisão e a dilaceração provocadas — embora muitas vezes as agrave e assim abra caminho à revolta e à revolução.

Deste modo, “uns resignam-se logo à situação de elementos supérfluos, de indivíduos que excederam o número, de seres que o são apenas no sofrimento, no vegetal fisiológico de uma existência condicionada por milhentas restrições. Curvam-se aos conceitos estabelecidos de há muito, aceitam por bom o que já estava enraizado quando eles chegaram e deixam-se ir assim, humildes, apagados, submissos, do berço ao túmulo — a ver, pacientemente, a vida que vivem outros homens mais felizes. Alguns, porém, não se resignam facilmente. A terra em que nasceram e lhes ensinaram a amar com grandes tropos patrióticos, com palavras farfalhantes, existe apenas, como o resto do Mundo, para a fruição de uma minoria. E eles, mordidas as almas por compreensíveis ambições, querem também viver, querem também usufruir regalias iguais às que desfrutam os homens privilegiados. E deslocam-se, e emigram, e transitam de continente a continente, de hemisfério a hemisfério, em busca do seu pão.”<sup>48</sup>

Esta necessidade de partir e de emigrar em busca da vida que não encontram na Europa não é apenas de rurais esfaimados, como um Manuel da Bouça iletrado, em busca de sustento para a sua família. Vemo-la também surgir no *spleen* de Colegridge, no poema *Brise Marine* de Stéphane Mallarmé (“Hei-de partir para países exóticos!”), no *ennui* de Théophile Gautier e de Jacinto de Tormes, em *Eça* de Queirós, no n.º 202 *des Champs-Élysées*, e, de forma muito concretizada, na demanda de um *pays lointain*, de um *mundo primitivo e paradisíaco* que a pintura de Paul Gauguin visava alcançar. Viajou, pois, para os mares do Sul e acabou por trocar a França pelo Taiti, em 1891. Mas, após regressar desiludido (como Manuel da Bouça...), partiu de novo e refugiou-se nas Ilhas Marquesas, na Polinésia, em 1895, onde veio a morrer em 1903.

---

48 *Ibidem.*

Voltemos, contudo, à tese geral que enforma os escritos de Ferreira de Castro. Com efeito, “o problema da emigração não é um problema-causa, mas consequência de outro mais vasto e mais profundo. Assim, sob a forma do primeiro, o nosso romance [*Emigrantes*] pretende dar a essência do segundo. E seria, portanto, um erro atribuir ao Brasil, país que tanto amamos e é um dos mais nobres e generosos do Mundo, ou à Argentina ou à América do Norte, que têm uma organização social idêntica à de quase todos os outros povos, responsabilidades especiais pela derrota que alguns emigrantes possam sofrer nas suas ambições, tanto mais que é verdade não estar preparada para a luta a maioria deles, constituída, em muitos casos, por pobres seres ignorantes que a Europa exporta diariamente. O drama é outro e universal. Esses homens vão correr a sua aventura porque têm falta de pão ou porque se convenceram, justamente, de que no mundo em que vivem só quem dispõe de ouro tem direito às expressões capitosas da vida. Em circunstâncias particulares, são ainda iludidos por outros homens, que os exploram na sua terra, afirmando à ingenuidade deles que, mesmo assim rudes, mazorros, primários, encontrarão, neste e naquele trecho do globo, fabulosas riquezas. Eles partem então, fascinados pela miragem. Se tivéssemos culpas a estabelecer, à Europa as debitaríamos em primeiro lugar.”<sup>49</sup>

\* \* \*

No pórtico do romance *Terra Fria*, publicado em 1934, o autor confessa que, depois de ter feito uma estadia no principado de Andorra e de ter conhecido os seus aldeões, foi acometido pelo desejo de também conhecer essoutra gente das Terras do Barroso, que “vivia no extremo de Portugal como se vivesse no extremo do mundo”<sup>50</sup>, quase como ‘emigrada’ na sua própria pátria. A comparação entre os camponeses andorranos e a gente barrosã explica-a o autor com um símile mais amplo: essas terras são parecidas a pequenas ilhas isoladas e os habitantes vivem como se fossem povos insulares fechados sobre si próprios. *Terra Fria* decorre em Padornelos, uma povoação perto de Montalegre, feita de casebres pardacentos de pedra solta, cobertos de

49 *Idem*, p. 12-13.

50 *Terra Fria*, p. 15.

colmo, perdidos no meio das fragas barrosãs, a um salto de Espanha. Ao invés, no lugar mais alto de Padornelos, contrapondo-se às choupanas enegrecidas pelo fumo, ergue-se ostensivamente, ofensivamente, a casa do “americano”... Embora o tema central, ao contrário de *Emigrantes*, não seja o da emigração > retorno, é este o pendular movimento de fundo do drama que percorre o romance. O “americano”, de seu nome Santiago, era um nativo de Padornelos que, anos antes, emigrara para a América (isto é, para os Estados Unidos) e por lá fizera fortuna. Regressara, depois, apenas para exibir a sua riqueza à aldeola, construindo nela, no lugar mais visível, uma grande moradia de tijolo, rebocada, com a fachada pintada de branco e uma berrante cobertura vermelha de telha francesa... Encontramos aqui, tipificado, o confronto entre os que ficaram e continuaram a mourejar o pão entre as fragas ou no contrabando — como é o caso de Leonardo, o protagonista, de trinta e quatro anos, que contrabandeia peles de cabrito e vaca; de texugo e tourão quando tem sorte — e os que emigraram e regressaram bem-sucedidos, mas ressentidos, com os bolsos recheados de notas. O drama aprofunda-se até à tragédia quando a jovem Ermelinda, recém-casada com Leonardo, é convidada para criada na casa do “americano”, o qual depois a seduz, a engravida, e do qual ela acaba por ter um filho sem que Leonardo tenha disso a mínima suspeita. Finalmente, depois de muitas peripécias, é a própria Ermelinda, desesperada, quem assassina “o americano”, embora todos fiquem a pensar que foi Leonardo. Este tem de fugir para Espanha, onde depois instala “una tienda” e se volta a casar, recozendo porém dentro de si o desejo de regressar para se vingar de Ermelinda, um dia... O que se segue é uma narrativa cujo palco é a raia flaviense, pela qual Leonardo ciranda entre cá e lá, durante anos. O epílogo de *Terra Fria* é de uma ironia profundamente ácida, até mesmo sarcástica. Um outro emigrante, Artur Lopes, amigo de infância de que até agora pouco soubemos, acabou de chegar do Brasil, com muitas saudades e praticamente nada nos bolsos. “Trabucara quanto pudera, mas não arranjava nada de jeito. Trouxera umas notas, muito poucas, mas não davam para nada.”<sup>51</sup> O contraste com o sucesso do “americano” não podia ser mais flagrante. A. Lopes pro-

51 *Idem*, p. 185.

cura, de balde, o seu amigo em Padornelos. Encontra-o finalmente na povoação onde Leonardo agora vive e trabalha, em Espanha. E de que lhe quer falar? *Do tesoiro encantado que, diz ele com os olhos a brilhar, está escondido no Leiranco. Vim p'ra te falar nisso, p'ra ver se o que- res ir procurar comigo.* A ilusão ingénua e pueril do Artur Lopes e o realismo desencantado de Leonardo não podiam chocar mais de frente. Cinismo do destino: depois de procurar em vão o ouro do Brasil, eis que o Lopes pensa poder encontrá-lo encantado numa fraga do Barroso! A lenda repete-se, fatalmente. Quem não a conhece na sua terra? (V.g., na Bicha Pintada, abaixo do Penedo Furado, na Ribeira do Codes, Vila de Rei, onde está um tesoiro encantado que só se revela à meia-noite mediante a leitura de certas passagens do Livro de São Cipriano...) No fim, compreendendo o drama íntimo do amigo, e após um breve inter-regno para atender uns clientes na loja, Leonardo regressa para junto dele e, à janela, ao lado do Artur Lopes, condescende, complacente com *la ilusión* do amigo: “— Estive a pensar no tesoiro e, assim como assim, sempre me arrisco. Vamos a ver o que aquilo dá. Mas não digas nada a ninguém. Por enquanto, até cá a minha patroa escusa de saber...” O alcance desta momentânea condescendência com o sonho do amigo e do emigrante fracassado é tremendo no que significa para o fatalismo luso, para o *labirinto de saudades e de fantasias* de que o português é feito.

\* \* \*

Dos três romances que estamos a apreciar em voo rasante, *A Selva* é, talvez, o que mais se aproxima de uma autobiografia, como a *Pequena História de “Emigrantes”*, aliás, deixa claro. Mas também passagens da odisseia de Manuel da Bouça, em *Emigrantes*, tanto na sua ida como no seu retorno, podem ser assim consideradas. *Mutatis mutandis*, são comparáveis a essoutro extraordinário ensaio autobiográfico de Miguel Torga: os “seis dias” de *A Criação do Mundo*, que tratam igualmente da partida e da vinda do Brasil do jovem Adolfo e de como assim “se fez homem”. No texto a *Pequena História de “A Selva”*, que antecede esta edição do romance, Ferreira de Castro coloca-nos de chofre no epílogo: “Foi à uma hora da noite, a noite densa, quente e húmida de 28 de Outubro de 1914, que parti do seringal onde decorre este livro, lá longe, nas margens escalavradas do [rio] Madeira, que nenhuma estrela,

então, alumiaava.”<sup>52</sup> Tinha dezasseis anos. O jovem emigrante Alberto, *alter ego* do autor, escapulia-se da floresta amazónica, do coração da selva profunda, do inferno verde. Chegara ali no auspicioso ‘Flor da Amazônia’. Embarcava agora no ‘Sapucaia’ rumo à mesma Belém do Pará de onde partira, quatro anos antes. “Ainda disse adeus com um lenço, mas ninguém respondeu.” A luz do farol do cais que, durante esses anos, ele próprio estava encarregue de acender, apagar e limpar, foi esmaecendo lentamente até desaparecer na escuridão tropical. “E dos [anos] que passara ali, não houve um só dia em que não desejasse evadir-me para a cidade, libertar-me da selva, tomar um barco e fugir, fugir de qualquer forma, mas fugir!” Como quem foge da prisão perpétua! Só quinze anos depois conseguiu sentar-se à secretária para, entre 9 de abril e 29 de novembro de 1929, verbalizar, reconfigurar literariamente a traumática aventura no *coração das trevas*.

A retroprojeção de *A Selva* na autobiografia que, em 1966, na *Pequena História de “Emigrantes”*, o autor leva a cabo, é muito elucidativa da consciência *em busca do tempo perdido* própria do emigrante > imigrante > revisitante. Nela, Ferreira de Castro começa por recordar o seu regresso ao Rio de Janeiro, em 1959, a convite da União Brasileira de Escritores. Descreve com realismo como, no momento da paragem, na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, se lhe iam dissolvendo e envolvendo na memória, em *cross fade*, as imagens que retivera da primeira vez que ali passara, em 1911 (sem então ser autorizado a sair do ‘Jerome’) com as imagens percebidas nesse mesmo momento. Outrora, o molhe do Mindelo estava pejado de mulheres e homens crioulos, enegrecidos pelo carvão que levavam à cabeça para alimentar o vapor. Cerca de cinquenta anos volvidos, essas velhas e velhos crioulos já não transportam o carvão, substituído que fora pelo gásóleo. Estavam apenas ali, “muito quietos e silenciosos”, encostados ao molhe, a ver quem atracava e partia num fim de tarde domingueiro.

E “repentinamente, como que aloucadamente, senti o desejo de abraçá-los, de beijá-los, talvez mesmo de chorar de encontro às suas faces, numa erupção de ternura mais densa e quente ainda do que o clima da sua terra. Eles não me dirigiam nenhum olhar específico, não

---

52 *Idem*, p. 6.

me fixavam sequer; atrás de mim vinham outros passageiros, à frente iam também alguns mais. Eu era um dos muitos que marchavam diante da sua curiosidade parada, sem nenhuma expressão característica a assinalar-me, um dos muitos que se mesclava ao conjunto e jamais eles saberiam daquele súbito impulso que eu sentia de os abraçar e beijar e chorar sobre os seus ombros, como se voltasse de amarga ausência, impregnado de saudade e de carinho.”<sup>53</sup>

Refletindo mais tarde sobre esse “movimento íntimo” que o impelira, horas antes, a abraçar essas velhas e velhos crioulos, descobre a fraternidade universal que irmana todos os migrantes e, acredita, todos os homens — saibam-no eles ou não. E *in corde suo* regressa analepticamente a Ossela, ao dia 6 de janeiro de 1911, Dia de Reis, dia em que, com 12 anos apenas, se tivera de despedir da sua terra, dos seus, da sua mãe... — sem conseguir dizer adeus à sua *Margarida* no leilão do Abade Carmo! E é toda a dor desta partida, nos mínimos detalhes, que se nos pega à alma. A única esperança que, então, o faz continuar em frente, direito ao lado do Tio Serafim até à casa do Sr. Esteves e, depois, ao comboio do Vale do Vouga, ao Porto, e ao ‘Jerome’ que o espera em Leixões, é a imaginada e sonhada “redenção no Brasil”. O *pequeno-feito-homem-à-força*, com 12 anos, quer assim substituir-se ao pai morto (quando ele tinha 8) no sustento da família. O Zézito chega a Belém do Pará, no dia 22 de janeiro de 1911. Dirá mais tarde que nesta viagem brotou o gérmen do que viria a ser *Emigrantes*, e cuja primeira tentativa ingénuo, infantil, falhada, foi *Criminoso por Ambição*, texto publicado em 1916, em Belém do Pará, quando tinha apenas 18 anos. Em 1919, nove anos depois de ter aportado a terras de Vera Cruz, regressa a Portugal sem praticamente nada nos bolsos, como aconteceria com o Manuel da Bouça. “Do ponto de vista material, esse que tantos homens expatriava para as Américas, eu fui um emigrante vencido.” A solidão do seringal, nas margens do Madeira, e as horas difíceis e a fome, em Belém do Pará, contudo, haviam doirado a desejada Pátria. O confronto do retornado com a realidade portuguesa, porém, muito especialmente com a Lisboa dos anos 20, foi brutal. Ferreira de Castro vai avançando, magoado, dorido, faminto; vai também ficando mais

---

53 «Pequena história de “Emigrantes”», p. 8.

maduro entre o pessimismo schopenhaueriano e “os artigos, sedentos de justiça, que publicava em órgãos operários”, nos quais sonhava a revolução. Mas fora no Brasil que este sonho nascera e medrara. Fora lá, entre seringueiros migrantes do Ceará e do Maranhão, que surdira a sua maior fortuna: aprender a amar a grande causa humana. “Foi lá, entre o seu povo fraternal, liberto de todos os preconceitos de classes, que o meu espírito se formou.”<sup>54</sup>

“Eu devia este livro [*A Selva*] a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anónimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crónica definitiva, que à extracção da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há-de registar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça. § A luta dos cearenses e maranhenses nas florestas da Amazônia é uma epopeia de que não ajuíza quem, no resto do Mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha — da borracha que esses homens, humildemente heróicos, tiram à selva misteriosa e implacável.”<sup>55</sup>

\* \* \*

O romance *Emigrantes* tem no centro da narrativa um personagem-tipo chamado Manuel da Bouça, camponês pobre e analfabeto, dono de umas inférteis courelas de pouca água, explorado arrendatário de outras, que vive numa aldeia chamada Frágua — podia chamar-se Ossela, perto de Oliveira de Azeméis — com vistas para um troço do Caima bordejado de salgueiros e amieiros. Logo nas primeiras páginas (p. 23), depois de contemplar de um lugar sobranceiro [a encosta de Santo António, em Ossela?<sup>56</sup>] o lugarejo miserável, triste, feio, digno de dó, que tem aos pés e de observar a pobre “casita, debruçada no

54 *Idem*, p. 23.

55 *A Selva*, p. 5.

56 Cf. Ana Cristina Carvalho, “*Emigrantes: Entre a terra idílica e a terra ingrata*”, in: *Castriana. Estudos Sobre Ferreira de Castro e a sua Geração*, 2016, pp. 9-23.

Caima, solitária entre os campos, com quatro paredes brancas” que lhe coubera em sorte — e de matutar sobre a vida que não tem e deseja para si (possuir “terra preciosa para cultivar”), para a sua mulher Amélia (“um cordão mais grosso do que os das padeiras de Vilar”) e para a sua filha Deolinda (um bom casamento, com alguém que tenha algo de seu) — Manuel da Bouça declara, com determinação: “Está tudo resolvido... Vou... Vou até ao Brasil...” Mas para isso terá de hipotecar algumas leiras para pagar ao agente que trata dos papéis. A mulher chora; a filha pede por tudo que não vá. Ambas já sabem, contudo, que não há volta a dar. Manuel só hesita ainda sobre se deve ir para o Brasil ou para a América. Finalmente decide-se: irá pelo “forte dinheiro brasileiro”. E assim foi. O relato dos preparativos da viagem, primeiro até Lisboa, e depois para o Brasil, na 3.<sup>a</sup> classe do navio ‘Darro’, e a descrição dos companheiros emigrantes (russos, polacos, romenos, sírios, italianos, galegos, portugueses, muitos com as famílias inteiras) embora algo estereotipado, é de um (neo)realismo veemente e intenso.

A odisseia de Manuel da Bouça é exemplar no sentido de um retrato-tipo da emigração portuguesa para o Brasil, em finais do séc. XIX, princípios do séc. XX. É ainda e sempre o ouro, o ‘eterno ouro’ do Brasil a convocar o imaginário dos portugueses que partem sem conhecerem ainda a sua parcela do “quinto dos infernos”. A viagem atlântica, em condições miseráveis, parece nunca mais acabar. O ‘Darro’ aporta, enfim, para escala, no Rio de Janeiro. Daqui partem para Santos > São Paulo e desembarcam. E progressivamente, em pequenos e grandes detalhes, vemos Manuel da Bouça a tomar consciência de que ali não existem ‘árvores das patacas’. Vai, pois, trabalhar para a Fazenda cafeeira de Santa Ifigênia, no interior de São Paulo. A vida é ali muito dura. Mais que na Frágua. E o salário não é nada do que tinha sonhado. Pelo contrário. Praticamente apenas dá para sobreviver. A ilusão dá lugar à desilusão. Apenas a bondade e a meiguice de Natividade o confortam nas horas mais aziagas. Vai compreendendo que tem de mudar de vida e de trabalho. Mas como, se houve dizer que em todo o lado, até em Minas, é a mesma coisa?! Notícias da terra vai tendo poucas. Numa das cartas, a mulher diz-lhe que Deolinda acabou por casar... precisamente com quem ele menos queria que ela casasse! E depois vem a mais dolorosa: a sua mulher,

a sua Amélia, morreu! Manuel não se sente bem. Adoece. A sua existência é um êxodo. Compreende que é duro, excessivo, o preço pago pelo sonho de pão e de uma vida melhor. É a dura lei da vida e da consciência. “Comerás o pão com o suor do teu rosto.” “Aprende-se pelo sofrimento.” Mas o que se ganha com essa aprendizagem? Regressa a um São Paulo convulso, no meio de guerrilhas revolucionárias, procurando aí a sua sorte. Mas nada. Ironia do destino: apenas consegue alguma coisa roubando as jóias de um morto! E com esse pecúlio furtivo no bolso, temos o regresso a Portugal, à sua pequena Frágua, mas só para compreender que é agora um estranho na sua própria terra, que também já não é dali, que já não pode ficar ali, a fazer o ‘teatro brasileiro’ que esperam dele. Sente na pele a dura lição: nunca se regressa como se abalou. Tem de partir de novo. Ei-lo, no fim, a entrar para uma camioneta... Para onde? Não sabemos. Ao contrário de Ulisses regressado à sua Ítaca, Manuel da Bouça nunca mais estará em sua casa. Estranha condição humana essa, que descobre outra diáspora dentro da mesma diáspora. “A Saudade é como a sombra do homem, sombra que jamais o deixa, porque o sol que ela intercepta, o Espírito e não há horizonte que o oculte.”<sup>57</sup> “O universal é o local sem paredes. É o autêntico que pode ser visto de todos os lados, e em todos os lados está certo, como a verdade. Ora Trás-os-Montes é essa realidade sem muros. Não só os seus filhos, mas até um dos frutos dos seus geios, o vinho fino que o Porto apadrinhou, é o mais ecuménico dos mimos lusitanos. Também ele, sumo específico daquele lagar de obstinação, aquece depois a alma indiscriminada de quantos o bebem, repartido com um sorriso dos deuses pelos cinco continentes.”<sup>58</sup>

\* \* \*

Em 1986, cumprindo por antecipação a sina que haveria de ser lida por uma cigana, também eu rumei ao Brasil. Saí de Lisboa, junto com um amigo e colega, Jorge Vieira, do Felgar – Moncorvo, no dia 4 de outubro, dia de São Francisco de Assis, rumo ao Rio de Janeiro e, depois, a Curitiba, no Paraná. E não ia para o seringal do rio Madeira, extrair borracha, mas para estudar... A vida tem coisas estranhas! Recordo-me,

57 Leonardo Coimbra, “Sobre a Saudade”, in: *A Águia*, IIIª Série, nº11-12, 1923.

58 Miguel Torga, *Traço de União* [1955], Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1969<sup>2</sup>, p. 69.

na madrugada do dia 5, quando estávamos a passar, creio, por Salvador da Baía, de ver da janela do avião uma trovoadas imensa, intensa, terrivelmente bela. Foi assim que fui recebido nas terras de Vera Cruz. No final desse dia, no Rio, fui recompensado. Saindo à tardinha, com um radioso sol sem nuvens, do aeroporto do Galeão, na ilha do Governador, planar por cima a Baía de Guanabara, e ficar sem fôlego, totalmente sufocado pela pura magnificência do azul do mar e do céu, da espuma das ondas, do verde das colinas, do morro do Corcovado... A beleza cristalina do Rio, ei-la desnuda a meus pés! Depois fiz escala em São Paulo e prossegui para Curitiba. Cheguei já bem de noite ao bairro do Portão, onde ficaria morando durante cerca de um ano, junto dos bairros da Fazendinha e do Novo Mundo. Da estadia, apenas duas notas: foi aqui que conheci o monge trapista Thomas Merton (comecei por *A Montanha dos Sete Patamares*) um extraordinário autor e mestre que me iria acompanhar interiormente até hoje. E a certa altura, aí talvez nove meses depois de ter chegado, fui assaltado por saudades entranhadas, corpóreas, ontológicas... Recordo-me bem do que sentia: falta de chão firme, de terra sólida. O Paraná, com as suas infindas planuras de café, de milho, de feijão, ..., era um mar de fertilidade, de sensualidade telúrica. Daquela bendita terra avermelhada tudo brotava em abundância. E eu sentia-me perdido, a atolar-me numa terra sem fundo, e tudo o que desejava, e não podia, era apenas voltar a sentar-me nas pedras firmes do meu torrão natal, o Brejo Fundeiro (até sonhava com as Fragas do Rabadão!). Por vezes íamos a um local, perto de Ponta Grossa, chamado 'O Retiro dos Papagaios', onde um riacho escavara o leito até à rocha nua... Gostava de andar na pedra com os pés descalços, de me sentar nela, de a agarrar, de me deitar nela. Sentia-me assim momentaneamente consolado, com algo seguro, com um fundamento sólido e seguro onde assentar. Mas estas saudades sem fundo iam dando cabo de mim: em mês e meio perdi quase 12 kgs... Depois foi o regresso a Portugal, em outubro de 1987, já mais anafado. Haveria de voltar mas tarde por alguns meses, em 2012 (Florianópolis, Minas Gerais, Goiânia...), e ainda outra vez, em 2018 (Salvador, Feira de Santana, Cachoeira, Santa Cruz das Almas, etc.). O Brasil é, hoje, sobretudo terra de grandes Amigos.

\* \* \*



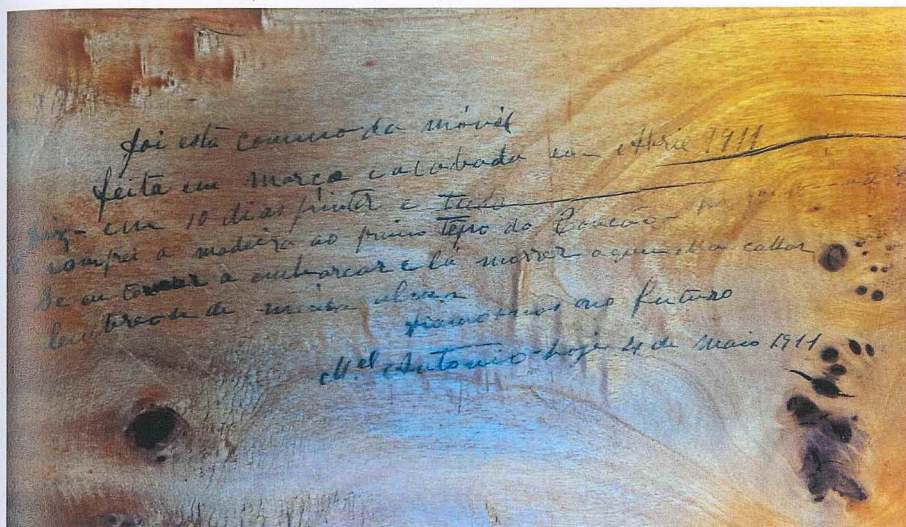
Cómoda feita pelo meu Avô paterno, Manuel António Júnior, em 10 dias, nos fins de março e princípios de abril de 1911

Desde que me lembro de mim, também me recordo desta cómoda que estava na nossa sala de jantar, na casa dos meus Pais, Cesário Rosa e Maria Benigna da Silva, na aldeia do Brejo Fundeiro, concelho de Vila de Rei, centro geodésico de Portugal. Era um móvel vetusto, feito em madeira de cedro, em cuja gaveta do canto superior esquerdo, o Pai guardava as suas coisas mais preciosas: a navalha de barba, a libra esterlina de cavalinho com a corrente de ouro (que o Pai Cesário usava em ocasiões especiais), o relógio de bolso, a caneta de tinta permanente, os documentos das terras e da casa, a carteira, as contas

do banco, etc. Também a Mãe ali guardava o seu cordão de ouro, os brincos, outras jóias, etc. Na gaveta ao lado, à direita, guardavam-se outras coisas, cartas, os aerogramas que o Elias ia mandando de Angola, e mil outros objectos pequenos, sem grande valor, mas que para ali se atiravam... Que me recorde, esta cómoda nunca mudou de lugar. Sempre esteve ali, no mesmo sítio, encostada à parede, levantada como um memorial ou um sacramental de algo que eu jamais suspeitara. Terá sido envernizada e pintada várias vezes, e assim foi envelhecendo. Mas ei-la sempre ali como guardiã de um segredo que nós, os sete irmãos dos quais sou o mais novo, desconhecíamos de todo. Depois a morte começou a visitar-nos. Visitou primeiro a Tia Luíza, em data que já não recordo. Mas deve ter sido em 1967. A mais antiga lembrança que tenho de mim próprio é, precisamente, do dia da sua morte. Ainda agora vejo na memória a imagem de quatro homens a descer, com o caixão, os 4 degraus da sua casa. Depois foi o Pai Cesário em 16 de outubro de 1981, com 56 anos, assistido nos últimos momentos pela Mãe e a Maria do Carmo; depois, o filho mais velho, Elias, no dia 18 de setembro de 2008, com 56 anos; a Mãe Benigna morreu no dia 5 de março de 2015. O móvel lá continuava. De certo modo assistiu a tudo. E foi então preciso fazer as partilhas das coisas que ficavam, decidir o que fazer com a casa, etc. E o móvel ali continuou, *imóvel*, à espera. Em agosto de 2019, creio que na casa dos nossos Pais só já havia duas coisas: o relógio de sala e o móvel. Embora eu tivesse muita estima pelo relógio, pelas badaladas e o tique-taque que me acompanhavam desde o berço, a minha irmã Leonor também a tinha e, por isso, quis ficar com ele. Concordei e fiquei com o móvel porque, devido ao tamanho e, sobretudo, ao peso descomunal, ninguém mais se interessava por ele. Creio que alguém até sugeriu que ele estava bom apenas para queimar... Mas a madeira de cedro estava sã, com o bom cheiro de sempre, e eu tinha intenção de encontrar alguém que o recuperasse. Por causa disso, no dia 7 de agosto de 2019, afastámo-lo da parede, tirámos as gavetas para pesar menos, a fim de o levar. E é então que, no lado esquerdo da segunda gaveta a contar de baixo, na parte de fora, descubro uma inscrição perfeitamente legível, redigida a tinta-da-china, que rezava assim:

foi esta commoda móvel  
feita em Março e acabada em Abril 1911  
eu fiz – em 10 dias pintar e tudo  
comprei a madeira ao primo Têpro do Coução – por 12.500 – e não foi só esta  
Se eu tornar a embarcar e lá morrer a quem ella calhar  
lembre-se da minha alma

fiamos-nos no futuro  
M.<sup>el</sup> António – hoje 4 de Maio 1911



“Foi esta commoda móvel...”

Fiquei siderado! Sempre tínhamos sabido todos que o nosso Avô paterno, Manuel, em tempos, antes de solteiro, tinha estado no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro. Sabia-se e via-se que o Avô Manel era um marceneiro muito perfeito, muito profissional que, provavelmente, tinha ido trabalhar na talha dourada das muitas Igrejas do Rio ou de Minas Gerais que então se estavam a construir. Depois, dizia-se, regressara com bom dinheiro. Comprara mais terras para juntar às que herdara. E a sua Casa, com móveis, janelas, portas, etc., de madeiras nobres finamente trabalhadas, com maçanetas de porcelana, era um brinco e causa de inveja no Brejo Fundeiro! Na varanda, alta, havia uma cadeira de descanso, de madeira, com muitos mecanismos,

toda regulável... Era uma obra-prima! Na sala, existia um belo oratório esculpido e entalhado por ele, com um Menino Jesus dentro. Ainda me lembro nitidamente dele! Mas o tempo e nosso desleixo carcomeram este sacrário familiar... Que pena! Todos conhecíamos a sua imensa arca de ferramenta onde existia tudo: réguas de aço, esquadros, compassos, graminhos, fitas métricas de madeira, níveis, serrote de costa, de folha, de arco, de folha japonesa, formões, puas, plainas, garlopas, martelos, etc. Tudo desapareceu! E, subitamente, eis que descubro uma mensagem escrita pelo seu punho e que ele me tinha endereçado a mim — “*a quem ella calhar*” — 108 anos antes! Estava ali, na minha frente, nítida, precisa, eternizada pela mão rigorosa, certa e exacta do meu Avô. Nunca nenhum de nós, presumo que nem mesmo o meu Pai, tinha suspeitado da existência daquela inscrição. Inesperadamente, o móvel transfigurara-se, começara a falar, ganhara vida, tornara-se um símbolo<sup>59</sup>, passara a ser jóia da história familiar, um móvel com a assinatura do nosso Avô Manuel!

Por esta altura eu já tinha lido muitas obras de Ferreira de Castro, entre elas *Emigrantes*. Mas as coincidências, especialmente das datas, só me saltaram à vista mais tarde, ao reler a *Pequena História de “Emigrantes”*. E aí verificava que o plano da realidade e o da ficção eram paralelos no espaço, no tempo e na acção; que as histórias de vida de Ferreira de Castro, de Manuel da Bouça e de Manuel António Júnior se perpassaram “intimamente”. No dia 6 de janeiro de 1911, como vimos, saía o pequeno José Maria de Ossela. Chegou a Belém do Pará, no dia 22 de janeiro. Três meses depois disto, já retornado da sua primeira viagem, estava o meu Avô a acabar aquele móvel, no Brejo Fundeiro, e a ponderar seriamente regressar ao Brasil outra vez — “*Se eu tornar a embarcar e lá morrer...*” Também Ferreira de Castro regressará a Portugal 9 anos depois, e há de voltar ao Rio de Janeiro e ao Pará décadas mais tarde. O seu *alter ego*, Manuel da Bouça, repete este mesmo itinerário, embora não saibamos o seu destino final: se ficou por Portugal, se voltou ao Brasil ou se cedeu ao sonho da América do Norte... Mas, que saibamos, o nosso Avô acabou por “não tornar a embarcar”:

---

59 Cf. Leonardo Boff, *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, Vozes, Petrópolis, 1993.

casou com a nossa Avó, Idalina Rosa, de qual teve dois filhos: o nosso tio, Adriano Rosa Júnior (n.1920) e o nosso pai, Cesário Rosa (n.1925).

Mas aquelas palavras escritas pelo punho do meu Avô, tão claras, tão límpidas, e muito especialmente a confiança que a expressão “*fiamos-nos no futuro*” manifestava em mim, seu futurível neto, calaram fundo, fundo em mim e levaram-me a fazer também uma outra inscrição, não na sagrada madeira de cedro, mas numa placa dourada, com estes dizeres:

«Esta cómoda móvel, feita pelo meu Avô paterno Manuel António Júnior, Marceneiro de profissão, casado com Felícia Rosa, minha Avó, herdei-a eu, José Maria da Silva Rosa, nascido a 3 de Maio de 1965, sétimo e último filho de Cesário Rosa, nascido no dia 13 de Maio de 1925, e de Maria Benigna da Silva, nascida a 3 de Dezembro de 1923. Desde que me lembro, esta cómoda móvel esteve sempre *imóvel* na Sala da Casa dos nossos Pais, no Brejo Fundeiro, Vila de Rei. Era nela que o Pai Cesário guardava as suas coisas mais importantes: os documentos, as escrituras, a caneta de tinta permanente, o relógio de bolso, a navalha da barba, a carteira, etc. Jamais me lembro de ela ter sido mudada de sítio ou de alguma vez ter sido descoberta a inscrição, a tinta da china, que o nosso Avô Manuel nela inscreveu, à mão, com belíssima caligrafia, no exterior do lado esquerdo da 2ª gaveta, no dia 4 de Maio de 1911 — preciosa inscrição e que eu, seu neto mais novo, o único que ele não conheceu, descobri, no dia 7 de Agosto de 2019, quando a retirei da sala da Casa dos nossos Pais, para a mandar reparar. Mandei-a restaurar no mesmo dia ao Sr. Manuel Gaspar, do Cidreiro, que levou pelo seu restauro €344,40 Euros. Trouxe-a para a Covilhã o meu irmão Pedro Mateus da Silva Rosa, no dia 5 de Março de 2020, cinco anos exactos após a morte da nossa Mãe Maria Benigna da Silva.

“...a quem ella calhar  
Lembre-se de minha alma  
fiamos-nos no futuro”

José Maria da Silva Rosa – hoje, 5 de Março de 2020»

\* \* \*



Nesta foto estão os meus Pais (ao centro: Maria Benigna Silva e Cesário Rosa), os meus seis irmãos (da esquerda para a direita: Abel, Isabel, Leonor, Pedro, Elias e Maria do Carmo), e ainda os meus dois avôs: materno, Joaquim Pedro Gaspar, à esquerda; e paterno, Manuel António Júnior, à direita. Quando foi tirada, provavelmente em 1964, eu ainda não tinha nascido.

\* \* \*

“Ars longa, vita brevis”. Mais recentemente, a morte visitou-nos de novo. No dia 16 de outubro de 2024, precisamente quarenta dois anos após a morte do Pai Cesário, faleceu a nossa mana Maria do Carmo, após *ter combatido o bom combate*. O móvel continua aqui, já não *imóvel* nem *impassível*, a esculpir o nosso tempo. É aceno e senha que também nós lançamos ao futuro.

“Os [transmontanos — e eu aplico-o também aos beirões] que ficam, cavam a vida inteira. E, quando se cansam, deitam-se no caixão com a serenidade de quem chega honradamente ao fim dum longo e trabalhoso dia. E ali ficam nuns cemitérios de lívida desilusão, à espera que a lei da terra os transforme em ciprestes e granito.”<sup>60</sup> Ou à espera da trombeta da ressurreição dos mortos...

60 Miguel Torga, *Portugal* [1950], Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1986<sup>s</sup>, p. 30.